

A RELAÇÃO DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS HISTÓRICAS COM OS ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO SISTEMA VOCÁLICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL/LE POR BRASILEIROS

Aline Vieira Bezerra Higino de Oliveira¹

1. INTRODUÇÃO

A elaboração de materiais e recursos utilizados no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, como a preparação de livros, editoração de manuais didáticos e produção de subsídios pedagógicos demonstram a escassez de desenvolvimento da competência oral no processo educativo, ratificando assim, a desvalorização da área da fonética e da fonologia no estudos escolares. Para ensinar uma língua estrangeira (LE), todos os aspectos são importantes e necessários, pois a interação é resultado de conhecimentos linguísticos compartilhados pelo coletivo, que interagem conhecendo os códigos, símbolos e sons. Por isso, ao lecionar, o professor deve nutrir o aluno de todas as informações essenciais para o desenvolvimento das conversações e várias outras modalidades de fala. Dentre elas, está a produção oral, que traz consigo a realização adequada para cada fonema para que se possa fazer a interpretação correta da mensagem enunciada. Segundo Fernández (2007), deve-se reiteradamente estar atento para esse aspecto, pois os esforços empreendidos na aprendizagem de uma língua estrangeira podem ser desvalorizados em virtude da pronún-

¹ Universidade Federal de Alagoas.

cia imprópria de alguns fonemas. Muitas das inadequações ocasionadas nas interlocuções são causadas pelas interferências da língua materna (LM), que se adentram na fala do aprendiz de LE para suprir alguma carência e/ou desconhecimento da língua pretendida.

No ensino-aprendizagem da língua espanhola para brasileiros percebemos diversas interferências oriundas da proximidade entre as línguas espanhola e portuguesa, já que ambas são derivadas do Latim vulgar, originado das línguas do ramo indo-europeu, as línguas romances. Essa semelhança provê a inclusão de desenvolvimentos sonoros análogos e/ou desiguais na aprendizagem das línguas irmãs, por elas partilharem da mesma origem.

Podemos considerar os percalços dessa proximidade e analisar suas ocorrências a fim de analisar e/ou dirimir os possíveis ‘erros’ originados das interferências da LM no ensino-aprendizagem da LE. Segundo Brisolara & Semino (2016), o processo de aprendizagem de espanhol/Língua Estrangeira (LE) induz o aprendiz brasileiro a utilizar regras fonético-fonológicas pertencentes ao sistema linguístico de sua língua materna (LM), causando as interferências que transferem marcas da LM na aprendizagem do espanhol e são processos que devem ser desinstalados a fim de aprimorar o desempenho do estudante.

Vários estudos linguísticos – Beux (2014), Santos (2016), Sandes (2010), Oliveira (2009), Barbosa (2014), Brisolara & Semino (2014), Brandão (2003), Carvalho (2004), Costa (2013), Dias (2011), Machry da Silva (2014), Mignorini (1999), Silva (2007) – explanaram sobre as dificuldades fonético-fonológicas da aprendizagem de espanhol por brasileiros. Dos fenômenos observados, analisando-se, contrastivamente, os quadros fonológicos das línguas reveladas, notou-se que as interferências da LM aconteciam no sistema consonantal e vocálico do espanhol, sendo percebido na produção oral e escrita e na compreensão oral e escrita.

Nesta pesquisa, temos retomado a análise dos erros no ensino-aprendizagem de espanhol LE por brasileiros, conforme explanado em OLIVEIRA (2009 e 2020) e nas pesquisas supracitadas, de acordo com diferentes linhas teóricas que buscam explicar o fenômeno. Por isso, questionamos quais são as causas dos erros fonético-fonológicos do espanhol que ocorrem na aprendizagem de espanhol/LE que geram dificuldades no ensino-aprendizagem do espanhol/LE para alunos brasileiros. Temos como hipótese que o conhecimento histórico e teórico do sistema fonético-fonológico do espanhol e do português pode contribuir para a identificação, descrição e explicação dos erros de alunos brasileiros, visando a contribuições no ensino-aprendizagem do espanhol/LE. Esta explanação tem como finalidade descrever e analisar historicamente os erros fonético-fonológicos do sistema

vocálico de alunos brasileiros de espanhol/LE através de estudo contrastivo entre o português e o espanhol a fim de verificar a relação histórica dos fenômenos linguísticos com as causas das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros na aprendizagem do Espanhol/LE. Nesse sentido, estamos retomando resultados das pesquisas já realizadas, inserindo tanto o conhecimento histórico quanto os fatos sincrônicos das duas línguas, de modo a delinear uma possível convergência entre esses conhecimentos e os erros já determinados pelos autores.

2. ESTUDOS REALIZADOS

Pesquisas comparativas e contrastivas vêm sendo feitas sobre o ensino-aprendizagem de espanhol/LE sob a ótica da análise das estruturas e identificação de pontos que podem motivar discordâncias e dificuldades de pronúncia. Apresentamos estudos que vêm abordando esse assunto contrastivamente objetivando confirmar a presença das dificuldades fonéticas e fonológicas na aprendizagem desses idiomas próximos e evidenciar a existência de dados já detectados.

Os estudos de Hoyos-Andrade (1978) contrastaram os sistemas vocálicos do espanhol e do português, assinalando já as tendências do vocalismo português que podem causar ‘erros’ na aprendizagem do espanhol, sugerindo o controle constante do professor e dos alunos para os eventuais deslizos, além de fazer várias sugestões para impedir a pronúncia incorreta.

Quilis (1979) realizou uma descrição mais ampla do espanhol e do português, usando fontes de países com o idioma espanhol e submergiu nas regiões do Brasil para deter-se sobre os sistemas linguísticos, empregando já demonstrações acústicas das diferenças dos idiomas.

Brandão (2003) organizou um estudo comparativo considerando algumas das variações dialetais de ambos os idiomas, para posteriormente identificar os erros fonéticos constantes na produção oral dos alunos com a finalidade de caracterizar e interpretar as metodologias de correção ou de tratamento desse tipo de erro empregado.

Masip (2003), apresentou as origens do português e do espanhol sob uma visão sintética, indutiva e fragmentária, de forma contrastiva, com um viés histórico, exibindo os fonemas e prosodemas portugueses e espanhóis e suas respectivas grafias, formas e funções sincrônicas.

Milani (2006), tratou das semelhanças e diferenças entre os dois sistemas, explanando quais recursos linguísticos os alunos, aprendizes brasileiros de espanhol, têm de adaptar para pronunciar os fonemas da língua espanhola.

Oliveira (2009), afirmou que os brasileiros têm problemas pontuais na aprendizagem de espanhol, em função das interferências da língua materna, tanto no sistema consonantal quanto no sistema vocálico, incidindo em erros que causam dificuldades na compreensão oral e escrita e na produção oral e escrita.

Sandes (2010) utilizou os estudos comparativos, identificando as dificuldades dos estudantes brasileiros, privilegiando a análise acústico-articulatória das aproximantes e das nasais da língua espanhola, objetivando encontrar estratégias de correção no âmbito da produção de sons em E/LE.

Masip (2014) ilustrou as dificuldades fonéticas, fonológicas e ortográficas específicas da aprendizagem de espanhol por brasileiros, minudenciando a forma de evitar a pronúncia incorreta e a interferência do português, e igualmente explanou sobre em (2010), com a finalidade de explicar as dificuldades existentes na pronúncia entre duas línguas próximas.

Brisolara & Semino (2016), demonstraram a existência de interferências específicas no sistema vocálico e no sistema consonantal. No sistema vocálico apresentaram como interferências: a abertura das vogais médias, a harmonia vocálica, a neutralização das vogais átonas em posição postônica final, a nasalização das vogais e o alongamento vocálico.

Objetivamos demonstrar as interferências supracitadas pelos autores particularizando através dos modos de articulação os possíveis erros que os aprendizes podem ter durante o processo de ensino-aprendizagem e possivelmente, levando à fossilização dessas inaptações em estágios finais. Discutimos os erros apontados segundo Hoyos-Andrade (1978), Quilis (1979), Brandão (2003), Milani (2006), Oliveira (2009 e 2020), Sandes (2010), Masip (2003, 2010 e 2014) e Brisolara & Semino (2016).

A exposição dos erros dar-se-á pelo modo de articulação, explicando como surge o fenômeno e em que ambiente linguístico, explanando através dos traços distintivos a produção oral adequada da língua espanhola/LE e a produção do estudante brasileiro aprendiz de espanhol, exemplificando o erro cometido. Após os quadros demonstrativos retirados de Oliveira (2020), serão expostas análises históricas dos fenômenos em português e em espanhol, objetivando esclarecer as possíveis causas dos ‘erros’ por meio de uma ponderação cronológica e linguística.

3. INTERFERÊNCIAS VOCÁLICAS

Inicialmente, faremos a descrição do sistema vocálico das línguas e em seguida pontuaremos as interferências da língua materna na aprendizagem de espanhol por brasileiros através da análise histórica e seus processos.

Segundo Mattoso (2014), o sistema vocálico do português (PB) possui 7 fonemas vocálicos orais (/i, e, ε, a, o, ɔ, u/) em posição tônica, 5 vogais em posição pretônica (/i, e, a, o, u/), observando-se somente em alguns dialetos /ε, ɔ/; em posição postônica não final, abrevia-se o sistema vocálico pela neutralização da oposição entre /o/ e /u/, enquanto em posição pós-tônica final reduz-se ainda mais para as vogais /a, i, u/. Podemos e devemos considerar as nasalizações existentes no sistema vocálico do português em ambientes e palavras específicas.

A língua espanhola possui 5 fonemas vocálicos /i, e, a, o, u/. De acordo com Martínez Celdrán & Fernández Planas (2007), considera-se a existência de vogais médias baixas em espanhol sem função fonológica, em virtude da percepção fonética de realizações de maior ou menor grau de abertura vocálica.

Apresentamos, na próxima seção, as seguintes interferências ocasionadas na aprendizagem de espanhol por brasileiros: abertura das vogais médias, harmonia vocálica, neutralização das vogais átonas em posição final, nasalização das vogais e alongamento vocálico.

3.1. Abertura das vogais médias

Na aprendizagem do espanhol por brasileiros, percebemos a pronúncia de vogais médias altas como médias baixas em posição tônica. Essa realização é característica da língua portuguesa e comumente evidenciada na pronúncia da língua espanhola quando realizada por estudantes brasileiros.

Abertura das vogais médias		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e]	[e] → [ɛ] / _\$
	[o]	[o] → [ɔ] / _\$
MÉDICO	[ˈmediko]	[ˈmediko]
MODA	[ˈmoda]	[ˈmoda]

Para compreensão desse fenômeno, devemos demonstrar seu desenvolvimento do latim para a língua portuguesa e para a língua espanhola. No latim

imperial, existiu a perda das oposições de quantidade, permanecendo as oposições de timbre. Essa modificação dos cinco timbres vocálicos, breves e longos, ao todo de dez fonemas para sete fonemas, trouxe para a língua portuguesa, a vogal /ε/, nascida da redução do /ě/ > /ẹ/ > /ε/ e a vogal /ɔ/, nascida do /ǒ/ > /o/ > /ɔ/.

As vogais do latim evoluíram de forma distinta na língua espanhola. As mudanças do latim clássico para o latim falado, e posteriormente o espanhol, ocorreram das vogais breves para ditongos. Podemos esclarecer dessa forma: do /ě/ > /ẹ/ > /ie/; do /ǒ/ > /o/ > /ue/. Portanto, podemos compreender que no português as vogais abertas permaneceram na oralidade, enquanto em espanhol, as vogais abertas evoluíram para ditongos.

A explicação exposta demonstra o que ocorre na aprendizagem de espanhol por brasileiros, que têm dificuldade em substituir o uso das vogais abertas tônicas pela ditongação em ambiente específico.

Podemos afirmar que as vogais médias em português têm na abertura sua característica distintiva e, portanto, fonológica. Segundo Mattoso Câmara (2014), os fonemas vocálicos não sofrem nenhum processo e só ocorrem distintivamente em sílaba acentuada, podendo ocorrer em sílaba não acentuada e também em sílaba postônica ou pretônica.

A existência de abertura das vogais em espanhol /ε/ e /ɔ/ é uma particularidade alofônica que ocorre em ambientes específicos, ou seja, são alofones posicionais. O fonema /ε/ acontece em contato com vibrante múltipla /r/, antecedida ou precedida à vogal, com exclusão dos casos nos quais a vogal ocorre em sílaba travada pelas consoantes <d, m, n, s, x, z>; diante de /x/; nos ditongo aberto ‘ei’ e ‘oi’; em sílaba travada, com exceção das consoantes <m, n, s, d, x, z>.

Tomas (1989) alega que a vogal [ɔ] pode ser percebida nas seguintes situações: a) em contato com uma vibrante, involuntariamente, antecedendo-a ou precedendo-a; b) diante de <j> e <g> com som de /x/; c) no ditongo <oi> u <ou>; d) em sílaba travada, independentemente da consoante que se encontra na referida posição; e) em posição tônica, quando a vogal [ɔ] tenha como antecedente a vogal <a> e precedente um <r> ou <l>.

Para o português, a abertura de vogais médias e para o espanhol, a ditongação das vogais, é, de fato, uma dificuldade para a aprendizagem do espanhol por brasileiros. Os estudantes não intuem a diferença da abertura e também pouco identificam o lugar da inclusão dos ditongos. Esses fenômenos pesquisados por Santos (2010: 149) demonstram nos resultados da análise dos dados sobre “A percepção e produção das vogais médias do espanhol por falantes do português

brasileiro”,² que na produção das vogais [e] e [o] do espanhol por falantes do PB mais aberta não provoca ao falante de E/L2 dificuldades de entendimento entre ele e nativos de E/L1, contudo, origina a identificação do acento estrangeiro, especialmente quanto aos falantes de L2 em nível avançado de proficiência. Como também, a interferência da L1 pode ocorrer além da oralidade, com a pronúncia das vogais médias-baixas do PB frente a das médias-altas do espanhol podendo originar erros na ortografia, como acentuação gráfica indevida.

Nos estudos perceptuais de Silva (2014, p. 220), analisou-se nas decorrências que os nativos falantes do espanhol não percebem com clareza a distinção quanto à abertura das vogais médias tônicas e, por isso, também têm problemas em realizá-las, em oposição à pesquisa anterior, pois não veem necessidade da pronúncia correta para comunicação.³ Sobre a percepção do contraste entre vogais médias tônicas averiguou-se que falantes nativos do espanhol são moderadamente sensíveis à realização fonética das vogais /e/ e /o/ do português, entretanto, tendem a expor dificuldade para distinguir os contrastes fonológicos /e/ – /ɛ/ e /o/ – /ɔ/ do português. Dessa forma, entende-se que as categorias fonológicas da L2 não estão perceptualmente bem apuradas para os estudantes e que as vogais /e/ e /ɔ/, não próprias ao sistema vocálico do espanhol, inclinam-se a ser compreendidas com base nas categorias existentes na língua nativa. Além disso, o contraste fonológico entre vogais tônicas aponta que os estudantes têm dificuldade em realizar as diferenças entre os pares de vogais /e/ – /ɛ/ e /o/ – /ɔ/ do português. Assim sendo, as duas categorias de vogais /e/ – /ɛ/ e /o/ – /ɔ/ na fala de não nativos são no aprendizado justapostas uma à outra. Os resultados de percepção apontam que as categorias fonológicas da L2, referente ao sistema vocálicoônico, não apresentam clareza para os aprendizes também em sua realização.

O galego-português, o espanhol, vulgo castelhano, e o português europeu e o brasileiro, tiveram percursos diferentes que geraram vogais abertas no português e ditongação no espanhol. Essas propriedades originárias e a diferenciação de ambientes linguísticos de realização das vogais causam na atualidade dificuldades de aprendizagem do espanhol para brasileiros. A interferência na aprendizagem de espanhol por brasileiros é originária desde a transformação do

² Textos que tratam da interferência das vogais médias na aprendizagem do espanhol por brasileiros, BAZZAN, M. A. T. (2005), MIGNONI, R. P. L. (1999).

³ A tese “Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol” de Silva (2014) trata de um estudo com colaboradores nativos de espanhol, tendo nessa análise uma perspectiva inversa ao tratado nesse texto.

latim clássico em latim vulgar e da separação do galego-português em português e castelhano.

Processos fonético-fonológicos da abertura das vogais médias		
Espanhol	/ɛ/ > /e/ > /ie/	- Perda das oposições de quantidade
	/ɔ/ > /o/ > /ue/	- Evolução das vogais breves para ditongos.
Português	/ɛ/ > /e/	- Perda das oposições de quantidade
	/ɔ/ > /o/	- Evolução das vogais breves para vogais médias abertas.

3.2. Harmonia vocálica

A harmonia vocálica, tipo de apropriação de propriedades vocálicas, na quais as vogais de uma palavra tornam-se foneticamente semelhantes a outra vogal da mesma palavra (comumente a tônica, mas não obrigatoriamente), com a mudança de alguns dos seus traços, é um fenômeno que acontece no português do Brasil de forma constante, sendo analisado em vários estudos científicos, até mesmo já tendo sido introduzido em Mattoso Câmara (2014:45).

Harmonia vocálica		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e]	[e] → [i] / _\$
	[o]	[o] → [u] / _\$
Escuela	[es'kwela]	[is'kwela]
Mantenimiento	[manteni'miento]	[mantini'miento]

De acordo com Cagliari (2002:104), “A harmonia vocálica é um tipo especial de assimilação que faz que vogais se tornem mais semelhantes entre si, em geral, por alguma razão morfológica (regra morfofonológica)”. Segundo Bisol (2015:188), “A harmonia ou harmonização vocálica consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente, quando a média precede uma sílaba com vogal alta, a exemplo de pepino ~ pipino, coruja ~ curuja, bonito ~ bunito”.⁴

Como explica Bisol (2015), que aborda a harmonização vocálica entendendo-a como uma regra variável e uma indicação de desestabilizações históricas, decompondo o português em dois dialetos, português europeu e português bra-

⁴ Sobre harmonia vocálica sugerimos BISOL, L. (1981). Harmonização vocálica: uma regra variável. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado.

sileiro, com início no final de XVIII, sendo assim vislumbrado de forma transparente no início do século XIX. Para Bisol (2015:203), o português brasileiro ergue-se historicamente a partir do século XVI, com o sistema átono de cinco vogais e harmonização vocálica na pretônica. O português europeu traz a centralização das vogais átonas [-post], seguindo outra deriva, em função das sequelas de três processos: centralização, harmonização e neutralização. Apesar disso, PEC e PBC⁵ são dialetos de uma língua só (BISOL, 2015:203).

Segundo Bisol (2015:189), apontamentos escritos em latim-português surgiram nos séculos IX a XI. Analisou-se que vocábulos portugueses apareceram permutados com latim. Nesses esboços, ficou demonstrada já uma disposição à harmonização vocálica nos dados descobertos, manifestando a alteração da vogal média ante uma sílaba com vogal alta e alçamento da vogal média sem estímulo manifesto, ou seja, sem a presença de uma sílaba subsequente com vogal alta. Determinadas palavras evidenciam esse fenômeno como uma herança do latim vulgar, entendendo o início desse processo ao evidenciar a alteração da vogal média pretônica. Ex.: *cumtestamus* < *contestamos*; *mulinos* < *molina* *contuversia* < *controversiam*; *obturigare* < *auctoricare*.

Fenômeno peculiar da língua portuguesa falada no Brasil, a harmonia vocálica, não pode ser empregada na produção oral do espanhol, pois o espanhol mantém as vogais médias em todas as posições, não consentindo que exista essa transferência, alçamento e/ou alteamento das vogais com a intenção da simplificação articulatória.

A simplificação da movimentação no trato vocal, igualando a altura das vogais e facilitando a articulação dos sons vocálicos, não ocorre na língua espanhola, pois ela não faz uso desse procedimento articulatório. Observa-se que a ausência desse fenômeno, não estigmatizado no português, provoca um procedimento igual na aprendizagem do espanhol, pois, além da ausência das vogais abertas, existe a obrigação de realizar a pronúncia das vogais sem harmonizá-las. “La armonía vocálica no es un fenómeno característico del español el cual mantiene sus vocales medias en cualquier posición de las palabras”. (BRISOLARA, L. & SEMINO, M. J. 2016: 47).⁶

Entre os séculos IX e XI, esse fenômeno que foi observado na transição do latim vulgar para a língua portuguesa podendo já ser visualizado nitidamen-

⁵ Acreditamos que as siglas PEC e PBC, citadas pela autora, sejam, respectivamente, português europeu contemporâneo e português brasileiro contemporâneo.

⁶ Tradução nossa: [...] “A harmonia vocálica não é um fenômeno característico do espanhol que mantém suas vogais médias em qualquer posição das palavras”.

te no início do final de XVIII, não permitiu sinais no espanhol, mantendo seu sistema vocálico até os dias atuais. É importante saber que na aprendizagem de português por falantes de espanhol devemos observar esse fenômeno, haja vista que a compreensão oral e as demais competências do estudante são afetadas por essas realizações de harmonização vocálica, segundo os autores Machry da Silva (2014) e Guimarães (2011), que perceberam a inexistência de subsídios didáticos que versassem sobre as dificuldades do aprendiz falante de espanhol na aprendizagem da harmonia vocálica presente no sistema vocálico do português.

Processos fonético-fonológicos da harmonia vocálica		
Espanhol		- Não ocorre na língua espanhola
Português	/e, o/ por /i, u/ /i, u/ por /e, o/	- Alçamento e/ou alteamento das vogais

3.3. Neutralização das vogais átonas em posição final

A neutralização das vogais átonas em posição final é um fenômeno circular no português do Brasil, pronúncia reconhecida e não estigmatizada pelos brasileiros. Nesse processo, as vogais médias /e, o/ em posição final se transformam em [i, u], amortizando o sistema vocal do português brasileiro a três vogais /i, u, a/ ou, melhor representado, [ɪ, ʊ, a].

Neutralização das vogais átonas em posição final		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e]	[e] → [ɪ] / _ \$
	[o]	[o] → [ʊ] / _ \$
Pato	[ˈpato]	[ˈpatɔ]
Caliente	[kaˈlyente]	[kaˈlyenti]

Estudiosos da biografia da língua portuguesa retroagiram quanto à periodização do fenômeno da pronúncia do /o/ e /e/ como [u] e [i] em posição átona final, que datava da primeira metade do século XVIII, para uma época anterior, no mínimo até o século XVI, segundo Teyssier (2007, p. 73).

Percebemos que no galego-português havia um [o] e um [e] fechados que a deriva da língua ia desviando para um grau de fechamento e brevidade cada vez maior, pois havia certa grafia em -u no galego-português medieval. A pronúncia dessas vogais era [o] e [e], como ainda hoje permanece em galego, desde

o português do século XVI. Existia nessa posição apenas três fonemas e sendo pouco provável a transformação de [o] a [u] e /e/ a /i/. Os lusófonos passaram muito tempo sem ter a consciência dessa deriva, sendo imperioso esperar pela primeira metade do século XVIII para confirmarem a pronúncia de [u] e [i]. Após essa confirmação, a realização [u] para a vogal escrita -o foi crucial. Todavia, a realização [i] para a escrita de -e será em Portugal, em linguagem popular, uma simples fase intermediária para o [ẽ] atual, que deve ter surgido na segunda metade do século XVIII.

Teyssier (2007, pp. 100-101) afirma sobre a pronúncia das vogais átonas na língua portuguesa falada no Brasil, “Em posição átona final o falante brasileiro (excetuando-se os do extremo sul) pronuncia [u] o -o gráfico, tal como o português de hoje, mas diz [i] por -e, ignorando completamente a realização [ẽ]; ex.: passo pronunciado [páso], passe pronunciado [pási]”. Como também, afirmou que “Conservou-se, logo, no ‘brasileiro’ a situação que era a do português europeu da primeira metade do século XVIII, a que Verney descrevia em 1746. Acrescente-se que o -a átono final, embora mais breve que em posição tônica, permanece muito aberto”.

Mesmo de forma estilística em espanhol, é necessário revelar a presença de estudos que apresentam elementos sobre esse contexto, demonstrando algumas realizações já existentes do fenômeno em língua espanhola. Em Ramírez (1998), que trata da neutralização das vogais átonas em posição final percebidas em México e Porto Rico, temos que “el proceso se cumple en las hablas populares y campesinas de algunas regiones hispano-americanas, favorecido por la presencia de consonante palatal anterior”.⁷ Essa revelação exposta pelo autor não foi observada como um aspecto distintivo, evidenciando apenas uma tendência a ser assimilada pelos falantes. Herrero (2004:10) também aclara sobre essa tendência: “En cuanto a la presencia de las vocales <-e>, <-o> finales cerradas, es un fenómeno general en el español propiciado por la natural pérdida de fuerza articulatoria al final de palabra, favorecida en hablas populares por la presencia de palatal anterior”.⁸ Como essa pesquisa ainda é incipiente, observada em algumas regiões específicas, vamos tratá-los como variações geográficas específicas, não podendo assim expandir sua abrangência.

⁷ Tradução nossa: [...] “o processo se realiza nas falas populares e camponesas de algumas regiões hispano-americanas, favorecidas pela presença da consoante palatal anterior”.

⁸ Tradução nossa: [...] Quanto à presença das vogais <-e>, <-o> finais fechadas, é um fenômeno geral em espanhol causado pela perda natural da força articulatoria ao final da palavra, favorecida na fala popular pela presença do palatal anterior.

Diante do exposto, Brandão (2003) exhibe dois motivos pelos quais os aprendizes brasileiros de espanhol tendem a cometer inadequações nas suas realizações orais no caso da neutralização vocálica, que são: reprodução do dialeto falado pelo professor, caso conste esse fenômeno ou pela transferência dos padrões do Português ao Espanhol.

Processos fonético-fonológicos da neutralização das vogais átonas em posição final		
Espanhol		- Ocorrência branda pouco registrada na língua espanhola.
Português	/e, o/ por [ɪ, ʊ]	- Deriva da língua indutiva para a neutralização das vogais átonas em posição final.

Desde o século XVI esse fenômeno já encontrado no Brasil, não é característico do espanhol. Entretanto, podemos ponderar que a pronúncia real dos falantes de espanhol tem um relaxamento articulatório final na posição átona, evidenciando uma redução da intensidade na emissão das expressões. Na fala mais distraída ou em situações familiares de maior intimidade, pode acontecer uma flexibilização, como também em falares dos camponeses ou populares pode surgir essa realização acrescentada à presença da consoante palatal anterior, mas em falas cultas ou menos descuidadas torna-se clara a ausência desse fenômeno (BRISOLARA e SEMINO, 2016, p. 47).

3.4. Nasalização das vogais

A nasalização das vogais procede do encontro de uma vogal com uma consoante nasal, independente de essa consoante pertencer à mesma sílaba, que se estabelece a regra geral para que haja o fenômeno de nasalização da vogal em português, de acordo com Câmara Jr. (2014). Essa norma pondera sobre dois tipos de nasalização: a nasalização contrastiva ou fonêmica, por ter função distintiva, e a nasalização automática ou fonética, sem distinguir significados. Evidencia-se na aprendizagem de espanhol por falantes do português a disposição a nasalizar toda vogal seguida de consoante nasal, sendo na mesma sílaba ou em outra, segundo Hoyos-Andrade (1978).

Nasalização das vogais		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[a,e,i,o,u]	[a,e,i,o,u] → [ã,ẽ,ĩ,õ,ũ-] / _ \$
Cama	[ˈkama]	[ˈkãma]
Mente	[ˈmẽnte]	[ˈmẽnti]

Ainda sobre a nasalidade, Hoyos-Andrade (1978) trata da afinidade entre o galego e o português, sobretudo da evolução do comportamento das nasais e da nasalidade. Inclusive no século XIII, essas línguas apresentaram evoluções análogas e conjuntas e nesse momento histórico principiaram a sofrer alterações, como podemos confirmar por meio da perda da nasal latina intervocálica -n-, através de uma realização velar com nasalização da vogal anterior, como em *luna > lua, manu > mano > mão*. Essas mutações nas consoantes nasais deram início à diferenciação entre as línguas: inicialmente, a perda da nasalidade, em seguida, a recuperação da consoante nasal, (port. *vinho*, gal. *viño*), conservação das vogais nasais em português (*pão*) e, de forma distinta, o galego já não expõe essa nasalidade vocálica (*pan*). Ainda hoje, as vogais são expostas diferentemente: o português exhibe vogais com nasalidade contrastiva, enquanto o galego apresenta uma nasal intervocálica em alguns termos sem possuir distinção fonológica, sendo apresentada como uma ocorrência intermediária entre português e espanhol.

Ao confrontar os sistemas fonológicos do espanhol e do português a fim de ressaltar seus elementos com finalidades didáticas, Quilis (1979) trata sobre a nasalidade dos dois idiomas, explanando com exemplos suas características. Quilis (1979), ainda sobre o sistema vocálico referente à nasalidade, fala que o espanhol não apresenta dificuldades nessa questão porque o traço de nasalidade não é pertinente ao sistema vocálico e seus cinco fonemas possuem alofones em distribuição complementar, no que concerne ao fator nasal. Dessa forma, temos [ĩ, ê, ã, õ, ù] quando /i, e, a, o, u/ se encontram entre pausa e consoante nasal ou entre duas consoantes nasais. Nas outras proximidades, se realizam como [i, e, a, o, u]. “Ejemplos: [ẽ̃ntre] entre, [mãno] mano, en posición tónica; o [ẽ̃ntre] entré, [mãnirróto] manirroto, en posición átona. Por otro lado, [kámpo] campo, [tẽ̃nte] tente, etc. Su status fonológico es el siguiente: /ẽ̃Ntre/, /mãno/, /eNtré/, /manirróto/, /káNpo/, /téNte/”⁹ (QUILIS, 1979: 05).

Em português, é necessário esclarecer que sobre a nasalidade são apontadas posições de estudiosos que afirmam ou negam a existência de fonemas vocálicos nasais. Alguns afirmam a ocorrência de vogais nasais frente a vogais orais em português, outros contrariam a existência de fonemas vocálicos nasais

⁹ Tradução nossa: Exemplos: [ẽ̃ntre] entre, [mãno] mano, em posição tónica, ou [ẽ̃ntre] entré. [mãnirróto] manirroto, em posição átona. Por outro lado, [kámpo] campo, [tẽ̃nte] tente, etc. Seu status fonológico é o seguinte: /ẽ̃Ntre/, /mãno/, /eNtré/, /manirróto/, /káNpo/, /téNte/”. A tradução preserva os exemplos em língua espanhola, pois sua tradução altera o sentido do texto.

no Português. Sobre a não existência de vogais nasais na língua portuguesa, são citados Mattoso Câmara (1977 e 1979), proporcionando as seguintes motivações: a presença de uma consoante nasal impede a oposição de uma vogal nasal pura a uma vogal nasal com consoante nasal pós-vocálica; a nasalidade pode estar presente nas vogais seguidas de nasais e mesmo assim permanecer em sílabas diferentes, com um grau maior ou menor; a vogal nasal se comporta como sílaba travada por consoante; sílaba com nasal em coda iniciando a sílaba posterior por vibrante interfere na realização desse som, tornando-a simples ou múltipla.

Sugere-se, finalmente, que as vogais nasais são vogais orais seguidas do arquifonema nasal. Ante as afirmativas se compara o português com o espanhol, assinalando que a exclusiva semelhança fonológica descoberta é que nos dois sistemas existem somente vogais orais, tendo a dessemelhança centrada nas realizações fonéticas dos timbres das nasais entre ambas.

Em Battisti & Vieira (2005), sobre o debate das vogais nasais ou nasalizadas no português, abeira-se a uma conclusão com base nos estudos já defendidos antes, como os de Câmara Jr. (1976 e 1979), que na subjacência, a vogal nasal é uma sequência de dois segmentos: VN. Considera-se uma vogal nasal pura quando despontada na superfície. Isso quer dizer que a nasalidade vocálica não intervém na composição fonológica das vogais do português. Para Mendonça (2019), diversos estudos sobre nasalização ainda são elementares, desse modo faz-se indispensável a ampliação de pesquisas sobre nasalização fonética sob o viés da sociolinguística e de análises acústicas a fim de constatar com mais propriedade esse fenômeno. Cristófaró Silva (2005) afirma que todas as vogais orais, com exceção das médias baixas [ɛ, ɔ], podem realizar-se nasalizadas.¹⁰

Em língua espanhola acontece a nasalização das vogais orais quando estas se concretizam antes de pausa e consoante nasal ou entre duas consoantes nasais. Portanto, em outros ambientes elas se realizarão orais. É salutar ressaltar que o grau de nasalização dos falantes realiza-se em menor grau, sendo para os brasileiros pouco reconhecível.

Podemos também adicionar as observações de Barbosa (2014), que realizou uma pesquisa auditiva e acústica para examinar a situação dessas vogais na atualidade para falantes da Europa e da América do Sul. Corroboraram nos resultados que a despeito das diferenças fonéticas entre o espanhol e o português brasileiro, a existência de vogais nasalizadas diante de consoante nasal na língua espanhola é mais habitual do que se avaliava. “Finalmente, foi mostrado, através

¹⁰ Cristófaró Silva (2005) afirma que as vogais que não se nasalizam são exatamente as vogais abertas.

de nossas análises, que ocorre nasalização vocálica em espanhol também em contextos não contemplados na literatura tradicional” (BARBOSA, 2014:152).

Concluimos que havia nas duas línguas a nasalidade vocálica como resíduo das consoantes nasais existentes do latim clássico e vulgar, que se transportaram para o espanhol e para o português nas suas vogais. Na língua portuguesa, algumas palavras sustentam o registro da nasalidade em vogais, independente da sua representação estar atualizada na superfície. Em língua espanhola, a nasalidade aparece nas vogais com a proximidade de nasais. Esses fenômenos expressados são representações das origens latinas, que ainda estão presentes na oralidade das duas línguas. Esse esclarecimento deve auxiliar professores de línguas a instruir mais claramente como funciona a fala da língua espanhola para o falante de português, e vice-versa.

Processos fonético-fonológicos da nasalização das vogais		
Espanhol	[a, e, i, o, u] → [ã, ê, î, ô, û]	- Perda da nasal latina intervocálica -n-. - Nasalização das vogais entre consoantes nasais, depois de pausa e antes de consoante nasal.
Português	[a, e, i, o, u] → [ã, ê, î, ô, û]	- Perda da nasal latina intervocálica -n-. - Nasalização das vogais, independente do registro na superfície.

3.5. Alongamento vocálico

Esse fenômeno consiste em se pronunciar as vogais com maior duração, sendo alongadas, quando estão em posição tônica. É importante salientar que a realização das vogais tônicas em espanhol tem menor duração, por esse motivo os aprendizes brasileiros de espanhol devem observar a duração da vogal tônica em espanhol, tentando evitar ou transferir o alongamento vocálico do português.

Alongamento vocálico		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[a, e, i, o, u]	[a, e, i, o, u] → [a: e: i: o: u:]
Cantar	[kan'tar]	[kan'ta:r]
Beber	[be'ber]	[be'be:r]

Temos o conhecimento histórico que a duração das vogais era um dos elementos distintivos das vogais no latim clássico, que na passagem para o

latim vulgar sofreu a perda da quantidade e mudou para a distinção das vogais através da tonicidade.¹¹ “El latín clásico contaba con dos subsistemas vocálicos – el de las vocales largas y el de las breves -, y, por lo tanto, con diez fonemas de este tipo. Esta diferenciación cuantitativa se perdió en el paso del latín al romance” (ARIZA, 2016: 22)¹². Observa-se que no latim as vogais tiveram a duração como componente fonológico, não aparecendo hoje o alongamento vocálico como um componente inovador, mas como um processo prosódico que emite sentidos.

Sobre o alongamento vocálico, podemos citar a comprovação de Brisolara e Semino (2016), que conferiram a tendência à maior duração das vogais em posição tônica tanto em português quanto em espanhol. No entanto, entendemos que o alongamento vocálico sucedido no português tem uma duração maior que o espanhol. Ao estudar a língua espanhola, os aprendizes brasileiros habituam-se a sofrer a interferência da língua materna ao realizar a transferência da duração da vogal tônica para a língua estudada, conforme explicam Brisolara & Semino (2014).

Brandão (2003, p. 177), ao tratar do alongamento vocálico cotejando a língua portuguesa à língua espanhola, ratifica que as vogais em sílaba tônica em português têm uma maior duração. Compreendemos que a duração é uma característica do português, que pode também ser justificada pelo ritmo da língua, considerando-a como uma língua acentual, na qual se aplica a maior intensidade e duração na sílaba tônica, enquanto em espanhol, o ritmo silábico, característico do espanhol, divide a duração das sílabas igualmente. De acordo com Ramírez (1998:22), “El alargamiento vocálico, presente en las vocales tónicas de muchas regiones, y de acuerdo con el sistema de la lengua española, no tiene valor fonológico, sino expresivo o enfático”.¹³ O autor também afirma sobre alongamento vocálico estar presente nas Antilhas, Chile e México, como traço estilístico.

¹¹ Explicações sobre a perda de quantidade vocálica latina podem ser verificadas em Ariza (2016: 23-24).

¹² Tradução nossa: “O latim clássico contava com dois subsistemas vocálicos – o das vogais longas e o das breves - e, portanto, com dez fonemas deste tipo. Esta diferenciação quantitativa se perdeu na passagem do latim ao romance”.

¹³ Tradução nossa: “O alongamento vocálico, presente nas vogais tônicas em muitas regiões, e de acordo com o sistema da língua espanhola, não tem valor fonológico, mas sim expressivo ou enfático”.

Processos fonético-fonológicos do alongamento vocálico		
Espanhol		- Perda da quantidade das vogais latinas. - Ocorrência branda na língua espanhola.
Português	[a, e, i, o, u] → [a: e: i: o: u:] > ā, ē, ī, ō, ū.	- Perda da quantidade das vogais latinas. - Deriva da língua indutiva para a neutralização das vogais átonas em posição final.

O alongamento vocálico no português significa uma interferência, sendo uma realização inadequada para a fala espanhola, tornando manifesta a detecção de traços de inabilidade linguística por parte do aprendiz. A finalidade não é suprimir traços identitários do estudante, mas aprovisionar mais dados sobre a língua almejada.

4. CONCLUSÕES

Os erros fonético-fonológicos atuais percebidos em trabalhos relacionados a essa área de estudos, demonstram as decorrências dos processos linguísticos em um panorama cronológico de movimentação constante com a finalidade de definição de uma representação fonológica que suportasse as alterações. Portanto, podemos assegurar que as modificações fonéticas que ocorrem em determinadas palavras durante a expansão do latim até a formação das línguas românicas são ainda nascentes de movimentação subjacente e superficial da língua, que foram observadas nesse estudo diacrônico e sincrônico e, além disso, perduram na língua usada pelos seus falantes, como a perda de quantidade das vogais que decompueram o sistema acentual das línguas neolatinas e aspectos que, apesar de estarem submersos, conservam-se na língua, como, por exemplo, a nasalização de ditongos.

Há toda uma estrutura amparada pela tradição fonética e fonológica, principalmente binária, que fixa os espaços dos sons dos sistemas linguísticos, que ao mobilizar-se recomendam a concepção de sons substitutos dos ambientes sonoros antes tomados por outros reminiscetes. Percebemos que os erros dos estudantes brasileiros vêm exatamente assinalar esses lugares que estão ocasionando dificuldades e que realmente foram ou são problemas da história linguística. Essa percepção através do olhar histórico evidencia os alunos como parte do processo de mutação linguística, vivenciando as transformações ocorridas desde o latim vulgar na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Por isso, podemos assegurar que os erros fonético-fonológicos de estudantes brasileiros de espanhol são resquícios dos processos linguísticos sucedidos

durante a evolução histórica, tais como: abertura das vogais médias, harmonia vocálica, neutralização das vogais átonas em posição postónica final, nasalização das vogais, alongamento vocálico etc. Todos esses processos são ocorrências da língua portuguesa e ao mesmo tempo são procedimentos incorretos na fala de aprendizes da língua espanhola. Isso quer dizer que, os desencontros oriundos do latim vulgar na mutação das línguas românicas indicaram dificuldades de aprendizagem de espanhol por falantes brasileiros de português, pois os erros encontram-se, justamente na separação das línguas estudadas.

Esses fenômenos de reestruturação das línguas não são apenas incidências de circunstâncias externas, encontros com línguas desiguais e reformulações sociais, pois esses acontecimentos são confirmados nos erros dos aprendizes brasileiros ao aprender a língua espanhola, por se apresentarem precisamente nas dificuldades que os alunos têm em comum, inaptidões precisas na efetivação de mecanismos articulatórios que beneficiam as inadequações na oralidade.

Todos os fenômenos analisados nesse estudo estão correlacionados aos fatos históricos fonético-fonológicos que armazenam as implicações decorrentes das transformações linguísticas sucedidas pelos séculos. Há uma ocorrência de modificações entre o latim e as línguas românicas que estruturam as línguas e proveem sons e ajustes fonéticos para aparelhar os inventários fonológicos. Esses processos permanecem visíveis nas inadequações orais produzidas pelos estudantes de espanhol, falantes do português brasileiro. Por isso, podemos afirmar que há um entrelaçamento entre os erros fonético-fonológicos dos alunos brasileiros estudantes de espanhol e os fenômenos linguísticos passados.

REFERÊNCIAS

ARIZA, Manuel. **Fonología y fonética históricas del español**. Madri: Arco/libros, 2016.

BARBOSA, Maria Silvia Pereira R-A. **A nasalidade vocálica em português e em espanhol**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123254>. Acesso em: 22 dez. 2018.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BAZZAN, M. A. T. **As vogais médias na interfonologia português-espanhol**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BEUX, E. B. S. **Descrição da interlíngua português-espanhol no desempenho de formandos dos cursos de turismo e hotelaria do IFAL – Campus Maceió: o aporte das teorias Linguísticas e pressupostos de ensino-aprendizagem de LE**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas. Maceió.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BISOL, Leda. **A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica**. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n1/0102-4450-delta-31-01-00185.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2019.

BRANDÃO, L. R. **Yo hablo, pero... ¿quién corrige? a correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros**. 2003. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

BRISOLARA, L.; SEMINO, M. J. **¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos**. Campinas, SP: Pontes editores, 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Campinas, Edição do autor, 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 46º ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2º ed. – Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 4º ed. – Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARVALHO, Kelly Cristiane H. P. de. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol**. 2004. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2004.

COSTA, Rossana S. **A produção da lateral /l/ por alunos de espanhol/le**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

DIAS, Eva, C. O. **Produção do yeísmo em falantes nativos de espanhol e aprendizes brasileiros: um estudo a partir de análises acústicas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERNÁNDEZ, J. G. **Panorama de la fonología española actual**. Madrid: Arco/libros, S.L, 2007.

GUIMARÃES, F. I. **Aquisição do português como L2 por falantes de espanhol: uma experiência com o modelo de ontogenia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo.

HERRERO, Maria Antonieta A. **Variedades del español de América: una lengua y diecinueve países**. Brasília: Embajada de España. Consejería de Educación, 2004.

HOYOS-Andrade, R. E. **El vocalismo del español y del portugués: estudio contrastivo fonético-fonológico y sus implicaciones pedagógicas**. 1978. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138142>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MACHRY DA SILVA, S. **Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol**. 2014. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARTÍNEZ CELDRÁN, E. & FERNÁNDEZ PLANAS, A. M. **Manual de fonética española**. Barcelona; Ariel, 2007.

MASIP, V. **Fonologia, fonética e ortografia portuguesas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños: fonología, ortografía e morfosintaxis**. São Paulo: Parábola, 2010.

MASIP, Vicente. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo, EPU, 2003.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de. **A nasalização fonética de vogais átonas em Alagoas: uma análise sociolinguística**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

MIGNONI, R. P. L. **A transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/ em substantivos e adjetivos por falantes universitários brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MILANI, E. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

OLIVEIRA, Aline V. B. H. **Estudo Fonético-Fonológico Contrastivo entre a Língua Portuguesa Falada no Brasil e a Língua Espanhola**. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, UFAL, Maceió.

OLIVEIRA, Aline V. B. H. **Análise de erros fonético-fonológicos do processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira por brasileiros baseada na relação com as mudanças históricas das línguas**. 2020. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFAL, Maceió.

QUILIS, A. Comparación de los sistemas fonológicos del español y del portugués. *In: Revista de filología española*. Madrid, 1979, nº 68: 33-65.

RAMÍREZ, María V. **El español de América I: Pronunciación**, Madri, ARCOS/LIBROS S.L, 1998.

SANDES, E. I de A. **Estágios de interlíngua: estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol**. 2010. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, G. R. dos. **Percepção e produção das vogais médias do espanhol por falantes do português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

SILVA, Kátia C. D. da. **Ensino-aprendizagem do espanhol: o uso do interlingüístico das vibrantes**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SILVA, T. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo, Contexto, 2005.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins fontes, 2007. Trad. Celso Cunha.

TOMAS, T. N. **Manual de pronunciación española**. Madri, grafipen, 1989.

